DAVAR POLISSÊMICA

Cristianismo Mundial, trajetórias, identidade e a Práxis do Triplo Diálogo na Ásia

World Christianity, Trajectories, Identity, and the Praxis of the Triple Dialogue in Asia

David Mesquiati de Oliveira[230]
Docente no PPG em Ciências da Religião da PUC Campinas

Resumo: Este ensaio analisa a recepção dinâmica e criativa do Concílio Vaticano II na Ásia, sob a lente do Cristianismo Mundial. O objetivo é investigar como as igrejas locais interpretaram os princípios conciliares para forjar uma identidade eclesial distintiva em um continente marcado pela pluralidade religiosa e pela condição minoritária da fé cristã. O problema de pesquisa reside na tensão entre a matriz ocidental do catolicismo e a necessidade de uma inculturação autêntica que responda aos "sinais dos tempos" asiáticos. A hipótese defendida é que a recepção na Ásia não foi uma aceitação passiva, mas uma "recriação" fundamentada no "triplo diálogo" — com os pobres, as culturas e as religiões. O referencial teórico ancora-se na obra de Peter C. Phan e no conceito de "trajetórias" de John O'Malley. Os resultados apontam para a emergência de uma "identidade hifenizada" (asiático-cristã), que desafia narrativas eurocêntricas e oferece um modelo policêntrico e pneumatológico de Igreja para o século XXI.
Palavras-chave: Cristianismo Mundial; Vaticano II; Ásia; Triplo Diálogo; FABC.

Recebido em: 12 jan. 2026 Aprovado em: 23 mai. 2026

[230] Doutor em Teologia (PUC-Rio) e doutorando em História (Ufes). Docente do PPGCR da PUC-Campinas. Membro do Grupo de Pesquisa História das Religiões e Religiosidades (HReR) da PUC-Campinas e do CEHILA Brasil. Presidente da Associação RELEP Brasil. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/5577933648133224 Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5091-9563 Email: david.mesquiati@puc-campinas.edu.br

Abstract: This essay analyzes the dynamic and creative reception of the Second Vatican Council in Asia through the lens of World Christianity. The objective is to investigate how local churches interpreted conciliar principles to forge a distinctive ecclesial identity in a continent characterized by religious plurality and the minority status of the Christian faith. The research problem lies in the tension between the Western matrix of Catholicism and the need for authentic inculturation that responds to Asian "signs of the times." The hypothesis is that reception in Asia was not passive acceptance but a "re-creation" grounded in the "triple dialogue"—with the poor, cultures, and religions. The theoretical framework is anchored in the work of Peter C. Phan and John O'Malley's concept of "trajectories." The results point to the emergence of a "hyphenated identity" (Asian-Christian), challenging Eurocentric narratives and offering a polycentric, pneumatological model of the Church for the 21st century.
Keywords: World Christianity; Vatican II; Asia; Triple Dialogue; FABC.

Introdução

O Concílio Vaticano II (1962–1965) representou um divisor de águas para a Igreja Católica, impulsionando um *aggiornamento* e uma abertura sem precedentes ao diálogo com o mundo contemporâneo. Paralelamente a essa renovação conciliar, o cristianismo atravessou uma profunda transformação demográfica e cultural: o deslocamento de seu centro de gravidade do Norte Global para o Sul Global — particularmente para a África, a Ásia e a América Latina. Este movimento, que é qualitativo e não apenas quantitativo, consolidou o campo de estudos do Cristianismo Mundial (*World Christianity*), que reconhece a diversidade e o policentrismo da fé cristã, desafiando narrativas eurocêntricas e valorizando expressões não ocidentais do crer. Como observa a literatura especializada, o cristianismo do século XXI é predominantemente uma religião não ocidental, com cerca de dois terços de seus fiéis vivendo fora do Ocidente.

Neste cenário, o termo "Cristianismo Mundial" sugere não apenas a expansão geográfica, mas uma diversificação teológica e institucional onde o cristianismo deixa de ser um bloco monolítico exportado pelo Ocidente para se tornar uma pluralidade de cristianismos emergentes de contextos locais. O presente ensaio dedica-se a analisar a recepção do Vaticano II na Ásia, continente que, por ser o berço das grandes religiões mundiais e possuir uma

presença cristã majoritariamente minoritária, torna o diálogo inter-religioso e a inculturação não apenas opções teológicas, mas necessidades existenciais.

O problema central que orienta esta reflexão reside na tensão histórica entre a matriz ocidental do catolicismo e a exigência de uma identidade eclesial autenticamente asiática. Diante disso, o objetivo é investigar como as igrejas locais interpretaram e aplicaram as diretrizes conciliares com autonomia criativa. A hipótese defendida é que a recepção na Ásia não se deu como uma aceitação passiva de decretos, mas como um processo de "recriação" e "fidelidade criativa" fundamentado no chamado "triplo diálogo": com os pobres, com as culturas e com as religiões.

Para fundamentar esta análise, o referencial teórico ancora-se primordialmente na obra de Peter C. Phan e no conceito de "trajetórias" de John O'Malley. Enquanto a "recepção" estrita refere-se à aplicação das normas explícitas, a "trajetória" abrange as consequências mais amplas e o "espírito" do evento conciliar em seu desdobramento histórico. Metodologicamente, este trabalho caracteriza-se como uma análise teológico-histórica de natureza qualitativa, sustentada por uma revisão bibliográfica que abrange documentos do Vaticano II, a produção teológica da Federação das Conferências Episcopais da Ásia (FABC) e autores seminais do Cristianismo Mundial.

A experiência asiática, portanto, emerge como um verdadeiro "laboratório teológico". Ao longo das seções seguintes, demonstraremos como esse processo de *aggiornamento* resultou em uma "identidade hifenizada" (asiático-cristã), oferecendo perspectivas vitais para a compreensão de uma Igreja policêntrica que responde aos sinais dos tempos em um mundo plural e interconectado.

1 O Paradigma do Cristianismo Mundial e a Hermenêutica da Trajetória

A compreensão do catolicismo asiático contemporâneo exige, primordialmente, situá-lo no contexto das transformações macroestruturais da fé cristã. O século XXI consolidou um fenômeno histórico sem precedentes: o deslocamento do centro de gravidade do cristianismo do Norte Global para o Sul Global, compreendendo a África, a Ásia e a América Latina. Esta mudança não é meramente estatística; ela é qualitativa, alterando a própria essência da autocompreensão eclesial. Como observam Tang e Anderson (2012), o cristianismo tornou-se predominantemente uma religião não ocidental, com aproximadamente dois terços de seus fiéis residindo fora do eixo tradicional do Ocidente.

Nesse cenário, o campo de estudos do Cristianismo Mundial surge como uma ferramenta analítica indispensável. De acordo com Peter C. Phan (2018), o termo não indica apenas uma expansão geográfica, mas uma profunda diversificação teológica, cultural e institucional. Superando a visão de um cristianismo monolítico exportado pelo Ocidente, o paradigma atual reconhece a existência de "múltiplos cristianismos" que emergem de contextos locais, cada um com vozes, perspectivas e contribuições teológicas singulares. Esta abordagem funciona como um "corretivo subversivo" ao eurocentrismo, legitimando a agência dos crentes do Sul Global e sua capacidade de autodeterminação narrativa.

Para analisar como essa nova realidade se articula com o legado do Concílio Vaticano II, este ensaio adota a distinção hermenêutica proposta por John O'Malley (2012) entre recepção e trajetória. Enquanto a "recepção" em sentido estrito refere-se à aplicação direta e normativa das diretrizes conciliares — como as reformas litúrgicas ou administrativas —, o conceito de "trajetória" é mais abrangente. Ele engloba os desdobramentos históricos que, embora não estivessem explicitamente detalhados na letra dos documentos, emanam do "espírito" do Concílio e de suas orientações fundamentais.

A hermenêutica da trajetória permite identificar o que O'Malley denomina como "questões sob as questões", tais como a tensão entre centro e periferia, a colegialidade e a mudança nos estilos retóricos da Igreja. No contexto asiático, essa lente revela que o Vaticano II não foi apenas um conjunto de textos a serem traduzidos, mas um "evento de renovação" que permitiu às igrejas locais inverterem a lógica tradicional *top-down* (do centro para a periferia). Como argumenta o teólogo Aloysius Pieris (2019), o Concílio atuou como um catalisador de crises saudáveis e de rupturas com o domínio euro-eclesial, assemelhando-se ao impacto do Concílio de Jerusalém na Igreja primitiva ao permitir a abertura para o mundo não judaico.

Portanto, a trajetória do catolicismo na Ásia sob o paradigma do Cristianismo Mundial caracteriza-se pela busca de uma identidade que seja, simultaneamente, fiel à tradição cristã e profundamente enraizada na "asianidade". Esta seção fundamenta que a agência das igrejas asiáticas não é um desvio da norma romana, mas o exercício de uma "fidelidade criativa" que reconhece o contexto local não apenas como lugar de missão, mas como fator determinante para o modo de ser Igreja no século XXI.

2 A FABC e a Arquitetura do Triplo Diálogo

A institucionalização da renovação conciliar na Ásia encontrou seu ponto de inflexão na fundação da Federação das Conferências Episcopais da

Ásia (FABC), em 1970. Considerada a inovação organizacional mais relevante do catolicismo asiático, a FABC consolidou-se como um fórum pan-asiático de colegialidade episcopal e um instrumento eficaz para a contextualização da fé. Mais do que uma estrutura burocrática, a Federação emergiu como um laboratório para uma "nova forma de ser Igreja", fundamentada em uma responsabilidade colegial e solidariedade eclesial que, embora sem força jurídica vinculante, permitiu uma flexibilidade crucial para a adaptação contextual.

O cerne da identidade teológica e pastoral da FABC reside na metodologia do triplo diálogo, que se tornou o eixo central da missão e da autocompreensão eclesial no continente. Esta arquitetura metodológica não é apenas uma estratégia externa, mas uma síntese da recepção do Vaticano II em solo asiático, estruturando-se em três pilares fundamentais: o diálogo com os pobres, com as culturas e com as religiões.

O primeiro pilar, o diálogo com os pobres, responde ao imperativo conciliar da opção preferencial pelos pobres. Na Ásia, este diálogo impulsionou uma práxis voltada para a libertação integral, onde a Igreja se compromete com o desenvolvimento humano e a transformação das estruturas sociais opressoras. O segundo pilar, o diálogo com as culturas, materializou-se no processo de inculturação, buscando superar a percepção histórica do cristianismo como uma "religião estrangeira" associada ao colonialismo ocidental. Através de uma "fidelidade criativa", as igrejas locais buscaram a encarnação do Evangelho nas tradições e experiências asiáticas, permitindo que a "asianidade" e a "cristandade" florescessem mutuamente.

Por fim, o diálogo com as religiões constitui uma necessidade existencial em um continente que é o berço das grandes tradições religiosas do mundo. Ancorada na declaração *Nostra Aetate*, a teologia asiática avançou na compreensão das "sementes do Verbo" e da ação do Espírito Santo para além das fronteiras visíveis da Igreja. Esta perspectiva pneumatológica permitiu a transição de visões exclusivistas para abordagens mais inclusivas e pluralistas, reconhecendo a presença da verdade e da santidade em outras tradições.

Do ponto de vista hermenêutico, o triplo diálogo da FABC representa uma expansão da recepção conciliar para o campo das trajetórias. Como observa a literatura, esse modelo pertence mais ao desdobramento do "espírito do Concílio" do que à aplicação literal de normas específicas, permitindo que a Igreja na Ásia deixe de ser meramente uma instituição "na Ásia" para se tornar uma Igreja "da Ásia". Esta relevância foi validada contemporaneamente pelo Papa Francisco, que, ao saudar os 50 anos da FABC, reconheceu a importância

desse modelo poliédrico de unidade e de proclamação do Evangelho para a Igreja global.

3 Identidade Hifenizada e Teologias Contextuais

A recepção do Vaticano II na Ásia, operada através da práxis do triplo diálogo, culminou no desenvolvimento de uma autocompreensão eclesial singular: a emergência de uma identidade hifenizada (asiático-cristã/cristão-asiática). Este conceito, central na obra de Peter C. Phan, descreve um modo de ser no qual a "asianidade" e a "cristandade" não são polos em conflito, mas dimensões que florescem mutuamente. Nesse sentido, o fiel é plenamente reconhecido como culturalmente asiático e, simultaneamente, de forma intrínseca, cristão. Tal configuração transcende a mera acomodação superficial ou a imposição de modelos ocidentais, buscando uma síntese que permita à Igreja deixar de ser meramente uma instituição "na Ásia" para se tornar, em sua essência, uma Igreja "da Ásia".

Esta identidade manifestou-se com vigor na produção de teologias contextuais que buscaram responder aos "sinais dos tempos" locais através de uma leitura crítica da realidade. Um dos resultados mais significativos desse processo foi o surgimento de teologias da libertação com características asiáticas, que reinterpretam a figura de Jesus a partir da experiência de opressão e marginalização. Exemplos emblemáticos incluem: a) Teologia Dalit (Índia): Identifica Jesus com os "intocáveis" (Dalits), interpretando a cruz como símbolo da "dalitização" de Deus e da luta contra as injustiças do sistema de castas; b) Teologia Minjung (Coreia do Sul): Nascida das experiências de sofrimento e opressão política, identifica Jesus com o *ochlos* (a multidão/povo comum) e sua missão com a libertação do han — o sentimento acumulado de ressentimento e dor.

Teologia da Luta (Filipinas): Focaliza a práxis cristã como um engajamento ativo na transformação das estruturas sociais opressoras.

Essas expressões teológicas exemplificam o que Aloysius Pieris define como renovação em contraste com a simples reforma. Enquanto a reforma costuma ser um processo descendente (*top-down*), originado no centro hierárquico, a renovação característica do catolicismo asiático é um movimento ascendente (*bottom-up*), que parte da periferia em direção ao centro. Pieris (2019) classifica o Vaticano II como um concílio "gerador de crises" justamente por ter permitido essa ruptura com a dominação euro-eclesial, assemelhando-se à "cesura" do Concílio de Jerusalém, que abriu a fé cristã para além das fronteiras culturais judaicas.

Além das teologias de libertação, a busca por uma identidade autêntica impulsionou releituras cristológicas que utilizam categorias filosóficas e religiosas locais para expressar a natureza de Cristo. Iniciativas como a compreensão de Jesus como Avatar (manifestação divina encarnada na história) ou o uso do conceito de "humanidade-divina" demonstram o esforço para tornar a mensagem cristã inteligível e significativa para as mentes e corações asiáticos.

Assim, a trajetória da Igreja na Ásia revela que o contexto local não é apenas o cenário da missão, mas um fator determinante para a própria autocompreensão da Igreja. Ao priorizar a "permissão para narrar" suas próprias histórias e ao validar a agência dos crentes do Sul Global, o catolicismo asiático oferece ao cristianismo mundial um modelo de unidade que não é monolítico, mas poliédrico, onde a diversidade de expressões da fé é celebrada como uma riqueza teológica e pneumatológica.

Conclusão

A trajetória do catolicismo asiático no período pós-Vaticano II, analisada sob a lente do Cristianismo Mundial, revela que a recepção conciliar no continente superou a mera transposição passiva de decretos e normas romanas. Tratou-se, em última análise, de um processo de "recriação" e de "fidelidade criativa" ao evento conciliar, no qual as igrejas locais assumiram o protagonismo de sua própria narrativa teológica (Phan, 2018; O'Malley, 2012). Ao longo deste ensaio, demonstrou-se que o *aggiornamento* na Ásia foi impulsionado por uma necessidade existencial: a de responder de forma autêntica aos desafios de um contexto marcado pela pobreza extrema, pela riqueza cultural milenar e por um pluralismo religioso profundo.

O papel da Federação das Conferências Episcopais da Ásia (FABC) foi determinante nesse processo, consolidando-se como a inovação organizacional mais relevante da região (Phan, 2018). Através da metodologia do "triplo diálogo" — com os pobres, com as culturas e com as religiões —, a FABC operou uma transição fundamental: a passagem de uma Igreja "na Ásia" para uma Igreja "da Ásia". Esta mudança qualitativa permitiu que a "asianidade" deixasse de ser um mero cenário missionário para se tornar um fator determinante da autocompreensão eclesial, legitimando o contexto periférico como fonte de revelação e de renovação teológica (Pieris, 2019).

Conclui-se que a emergência de uma "identidade hifenizada" (asiático-cristã) representa o fruto mais maduro dessa trajetória. Como adverte Peter C. Phan (2018), a descoberta e o fortalecimento dessa identidade não são apenas exercícios acadêmicos, mas uma questão de "vida ou morte" para o futuro das

comunidades cristãs na região. Ao integrar teologias contextuais de libertação e de luta com uma abertura pneumatológica ao diálogo inter-religioso, o catolicismo asiático oferece uma resposta robusta aos "sinais dos tempos" em um mundo globalizado e interconectado.

Nesta perspectiva, a experiência asiática deixa de ser uma particularidade regional para se tornar um "presente" e um modelo para a Igreja universal (Baybado Jr., 2023). Ela funciona como um antídoto necessário ao discurso teológico eurocêntrico, demonstrando que a unidade da fé não exige a uniformidade cultural, mas sim uma comunhão poliédrica e policêntrica. O deslocamento do centro de gravidade do cristianismo para o Sul Global encontra na Ásia um laboratório teológico vital, onde o espírito do Vaticano II continua a soprar como um "novo Pentecostes" que emerge das periferias para enriquecer e renovar o centro da catolicidade no século XXI (Pieris, 2019; Phan, 2018).

Referências

BAUTISTA, Julius; LIM, Francis Khek Gee (ed.). Christianity and the State in Asia: Complicity and Conflict. London: Routledge, 2009.

BAYBADO JR., Pablito A. (ed.). FABC 50 General Conference Journeying Together A Peoples Of Asia: Bangkok, Thailand - Conference Proceedings. Bangkok: FABC, 2023. v. 1.

CHIA, Edmund Kee-Fook. World Christianity Encounters World Religions: A Summa of Interfaith Dialogue. Collegeville, MN: Liturgical Press Academic, 2018.

CHUNG, Soojin. Recovering the Third World Force: World Christianity and Self-Determination. Studies in World Christianity, v. 31, n. 1, 2025.

CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ. Declaração Dominus Iesus: sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2000.

IRVIN, Dale T. World Christianity: An Introduction. The Journal of World Christianity, v. 1, n. 1, p. 1-26, 2008.

OLIVEIRA, David Mesquiati. *Aggiornamento* of Asian Catholicism in World Christianity. IOSR Journal of Humanities and Social Science, v. 30, n. 9, p. 49-54, set. 2025.

O'MALLEY, John. Introduction: Trajectories and Hermeneutics. In: HEFT, James L.; O'MALLEY, John (ed.). After Vatican II: Trajectories and Hermeneutics. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing, 2012.

PARRATT, John. The Other Jesus: Christology in Asian Perspective. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2012.

PHAN, Peter C. Asian Christianities: History, Theology, Practice. Maryknoll, NY: Orbis Books, 2018.

PIERIS, Aloysius. Vatican II: A 'Crisigenic' Council with an Unwritten Agenda. Asia Pacific Mission Studies, v. 1, n. 1, p. 16-34, 2019.

SOBRINO, Jon. Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré. 2. ed. São Paulo: Vozes, 1996.

TANG, Edmond; ANDERSON, Allan (ed.). Asian and Pentecostal: The Charismatic Face of Christianity in Asia. 2. ed. Oxford: Regnum Books International, 2012.

VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1964.

VATICANO II. Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual. In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997. p. 415-523.

VATICANO II. Declaração Nostra Aetate sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs. In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997. p. 601-607.

VATICANO II. Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja. In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997. p. 525-580.